

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

Da cor e da luz: do Homem e de Deus. Uma abordagem à teorização sobre a cor de Robert Grosseteste

Elisa Gomes da Torre
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Gabinete de Filosofia Medieval (Universidade do Porto - Instituto de Filosofia)

Color est lux incorporate perspicuo. Assim se inicia o *De colore* de Robert Grosseteste (1168-1253)¹. Este breve, muito breve, tratado do Lincolniense suporta-se nas leituras da Metafísica, Óptica e Física de Aristóteles e do seu comentador, Averróis. Herdeiro da revolução científica que a tradução das obras árabes, através de trabalhos como os efectuados na escola de Toledo, desencadeou no conhecimento científico e natural na Europa medievla, Grosseteste, director da universidade de Oxford e depois bispo de Lincoln, concilia na sua concepção sobre a luz e a cor, os conhecimentos platónicos, os de Aristóteles e os dos cientistas árabes. Nestes últimos, havia sido notável o trabalho, segundo o método experimental, de Ibn al-Haytham (séc. XI) que, no seu *Tratado de óptica*², testara as teorias de Al-Kindi (séc. IX) sobre a realidade material da luz e a sua propagação em raios e de Ibn Sahl (séc. X) sobre a refacção, em conciliação com os conhecimentos geométricos de Euclides (sobre propagação rectilínea, ângulos de incidência e de reflexão, etc), verificando-as como sujeitas às leis do movimento.

No mundo cristão, empenhado em conciliar a revelação cristã com o conhecimento científico e antigo, o estudo da cor e da luz será representado por duas correntes: a de Robert Grosseteste e a de Tomás de Aquino. Este idealiza a metafísica aristotélica, fazendo da luz a qualidade que representa a perfeição de Deus; Robert Grosseteste, pela fusão procurada nos vários filões de conhecimento de que dispõe, faz da luz a primeira forma corporal criada por Deus, com capacidade de se auto gerar instantaneamente em todas as direcções segundo uma esfera. Quando atingido o ponto máximo de finura, deixa de se espalhar, retracta-se, formando a luz visível – *lúmen* - e os corpos, que afinal são luz.

Independentemente das correntes em defesa dos princípios expostos, a teorização sobre a cor e sobre a luz, na Idade Média, inscreve-se na metafísica e permite a procura de respostas a questões como “o que é o mundo apreendido?”, “como o percebemos?”, “como conhecemos o mundo sensível?” ou o aprofundar da inquietude humana que se vê, também pelo conhecimento do que é a luz, perante a sua essencial falha ontica.

A Robert Grosseteste (e àquele que é dito seu discípulo, apesar de provavelmente nunca se terem cruzado, Roger Bacon) deve o mundo da ciência europeu a defesa do

¹ Cf. McEvoy, James, «Robert Grosseteste. Sua contribuição à filosofia» in Theo Kobusch (org.) e Paulo Astor Soethe (trad.), *Filósofos da Idade Média*, São Leopoldo – RS, Editora Unisinos, 2003, p. 152-169; Lértora Mendonza, Celina, «Roberto Grosseteste – Metafísica da Luz y estética», *Idade Média. Tempo do mundo, Tempo dos Homens. Tempo de Deus*, Porto Alegre, EST Edições, 2006, p.83-92.

² Al-Haytham, também conhecido no mundo latino por Alhazen, influenciou enormemente o pensamento científico na área da óptica nos finais da Idade Média, graças à tradução do seu tratado *Kitâb al-Manâzîr* para latim (*De aspectibus*) nos finais do sec. XIII em Espanha.

método científico e do método experimental e o desenvolvimento no mundo da matemática, e à questão levantada neste colóquio, a cor, alguns dos trabalhos mais marcantes para o estudo da questão em obras como: *De colore*; *De iride*. *De fraccionibus radiorum*; *De luce*; *De Inchoacione Formarum*.

Tratando do arco-íris, afirma (sigo tradução de Luis de Boni)³:

A cor é luz misturada com um corpo transparente, este divide-se segundo a pureza e a impureza; e a luz se divide de quatro modos: segundo a claridade e a obscuridade; a abundância e a escassez. Segundo a combinação destas seis diferenças acontecem a geração e a diversidade de todas as cores.

Aplicando estas combinatórias extremadas - maior claridade, abundância e pureza; maior obscuridade, escassez e impureza – conclui em *De colore*:

Lux igitur clara multa in perspicuo puro albedo est. Lux pauca in perspicuo impuro nigredo est.(...) Nec etiam quod colores proximi albedini, in quibus potest fieri recessus ab albedine et permutatio septem sunt, nec plures nec pauciores. Similiter septem erunt proximi nigredini, quibus a nigredine versus albedinem ascenditur, donec fiat concursus aliorum septem colores, quibus ad albedine descenditur. (§ 78)⁴.

Do *albedo* ao *nigredo*, se constituem as sete cores primárias, do azul ao amarelo, sendo que na tradição da Antiguidade o branco é, afinal, o amarelo mais claro e o negro o azul mais escuro. Poderíamos enveredar pela análise da constituição dos corpos, da propagação dos raios, opor as teorias corpusculares às ondulatórias, etc, mas para o estudo da teorização da cor e seus reflexos na arte, na literatura, a base fundamental é a teoria da luz. E aqui o universo do pensamento é filosófico, metafísico e teológico. Por isso, o título que escolhi para esta reflexão. O estudo da cor e da luz são campo para a descoberta da relação do homem com Deus, do homem com o mundo criado, da criação em si. A particularidade do pensamento de Robert Grosseteste é a seu ênfase na ciência mas reportando-se sempre para o metafísico e o simbólico, o que torna o seu pensamento sobre a questão como uma síntese harmónica das várias correntes.

Je pense que la lumière (lux) est la première forme corporelle, que certains appellent corporité. En effet, la lumière en soi (per se) se diffuse elle-même(se ipsam) en toutes directions, de telle façon qu'un point de lumière engendre instantanément une sphère de lumière aussi grande que possible, à moins qu'une chose obscure y fasse obstacle.

É este o início do *De luce*, na tradução de Didier Ottaviani⁵. Na cadeia de causas – e no impacto do *Liber causis* – a luz encontra-se na causa primeira e tem uma função similar à dos nomes divinos e transcendentais da escolástica: Um, Bem, Ser, Belo...A Luz não alcança a extensão de purificação e abstracção dos outros conceitos pois está ligada ao mundo sensível,

³ Tradução de Luís de Boni em «O Arco-Íris ou o Arco-Íris e o espelho», *Filosofia Medieval. Textos*. Porto Alegre, Edicrups, 2005, p. 170-17, p.170. Inclui ainda, entre as páginas 163 a 170, a tradução de «As linhas, os ângulos e as figuras – ou – A refração e a reflexão da luz» pelo mesmo tradutor.

⁴ Lincoln, Bischofs von, *Die Philosophischen Werke des Robert Grosseteste*, Münster, W., Aschendorff, 1912, p. 78 – 79, p.78.

⁵ Tradução de *De Luce seu inchoatione formarum – De la lumière ou de l'inchoation des formes*, CERPHI, disponível no site do centro de investigação (Cf. <http://www.cerphi.net> [data de consulta: Setembro de 2008]).

partindo de uma fenomenologia observada somente no mundo físico. É, afinal, mediação entre o corpóreo e o incorpóreo, entre a física e a metafísica. Traz em si, ainda, pela explicação física da propagação da luz, a noção de degradação ontológica. Assim como a luz se propaga em esferas num processo de enfraquecimento – levando à constatação de que o corpo mais denso não é ausência de luz, mas luz débil – também na escala ontológica, toda a criação tem a luz em si só que participa dele diferentemente consoante a sua posição.

Já o pseudo-Dinis afirmara:

Comme notre soleil, en effet, sans réflexion ni dessein mais en vertu de son être même, éclaire tout ce qui est en mesure, selon la proportion qui convient à chacun, de participer à cette lumière, - il en est certainement de même du Bien (car il dépasse le soleil comme dépasse une image imprécise l'archétype transcendant considéré dans sa propre substance) et c'est à tous les êtres que, proportionnellement à leurs force, il distribue les rayons de son entière bonté⁶.

Esta afirmação pode colocar em causa a Vontade de Deus na criação e sublinha a noção de participação tal como concebe o pensamento de filiação platónico. Estas questões levantam problemas teológicos sérios. Retomando a tradição do *fiat lux*, teorias como as do Aeropagita colocam a possibilidade de uma emanação divina, assim como a emanação de luz. Todos os seres participam da luz; por analogia todos os seres participam do divino. Tomás de Aquino, defensor da separação insuperável entre o Criador e a Criação, vai declarar que nos pensadores cristãos anteriores a confusão se cria pelo uso metafórico da linguagem e vai socorrer-se de Aristóteles, entretanto divulgado, para afirmar que a luz é uma qualidade do corpo, diferindo pois da substância e não podendo existir por si. Afirmará pois:

La lumière agit d'une manière quasi instrumentale par la vertu des corps célestes, pour produire les formes substantielles; et également pour rendre les couleurs visibles en acte, en tant qu'elle est la qualité du premiers corps sensible.⁷

Descarta assim a possibilidade do criado remontar directamente ao Criador. Este contacto só pode ocorrer por decisão do próprio Deus, no milagre ou no *raptus*.

Não é esta a leitura imediata que se faz através de Robert Grosseteste. Este concilia uma possível emanação com a afirmação da inacessibilidade de Deus. Consta a inefabilidade e inconoscibilidade de Deus mas defende que o homem possa aceder ao seu conhecimento por mediação da palavra, revelada e das *auctoritates*, e da reflexão filosófica e meditação. Pela luz exprime-se o inexprimível, apresenta-se Deus como presença inefável. Ainda assim, a luz da verdade suprema (como defendia o bispo de Hipona) não pode ser alcançada pelos olhos do espírito, assim como os olhos não suportam a luz do sol.

Ou seja, a cadeia de causalidade no mundo é uma degradação progressiva da luz: a luz primordial – *lux* – multiplica-se, entra na extensão, deixando de ser *lux* para se tornar luz sensível, *lumen*.

je dis que la lumière, par sa multiplication infinie en toutes directions et de façon égale, étend également la matière de toutes côtés, en une forme sphérique. Par une conséquence nécessaire

⁶ Saint Denis l'Aeropagite, *Traité des noms divins* (trad. de Maurice de Gandillac), Paris, Aubier, 1941.

⁷ *Somme Théologique*, Pars I, Question 67, Article 1 (trad. des dominicaines), Bibliothèque des Cerf, 1984 (usada a versão disponibilizada em <http://docteurangelique.free.fr> [data de consulta: Setembro de 2008]).

de cette extension, les parties extrêmes de la matière sont plus étendues et plus raréfiées que les parties internes, proches du centre.

[...] C' est ainsi que le corps premier situé à l'extrémité de la sphère, que l'on appelle Firmament, est parfait, n'étant composé de rien d'autre que la matière première et de la forme première.

[...] puisque la lumière (lux) est la perfection du corps premier, et qu'elle se multiplie elle-même naturellement à partir de celui-ci, il est nécessaire que cette lumière (lux) soit diffusée vers le centre de l'univers. Et, comme elle est une forme totalement inséparable de la matière, elle étend avec elle, dans sa diffusion à partir du premier corps, la spiritualité de la matière du corps premier. Et ainsi la première lumière sensible (lumen) procède du corps premier, et celle-ci est un corps spirituel ou un esprit corporel.⁸

Poderíamos afirmar que, em Grosseteste, a luz é sobretudo mediação: é criada, *prima forma corporalis*, estando pois em relação intrínseca com o mundo corporal. Como o pensador inglês estabelece o princípio da inseparabilidade da matéria e da forma - com respeito pelo conhecimento aristotélico, assumindo o carácter simples da luz, ou seja, sem dimensão - há condição lógica para justificar como a forma funciona como princípio explicativo da matéria. A forma age somente como forma pelas propriedades expostas: autodifusão e automultiplicação. Estas considerações preocupam o pensamento de Grosseteste que as debate insistentemente no início do seu tratado. É preocupação sua maior explicar como uma forma simples pode induzir na matéria uma dimensão em todas as direcções, sabendo que matéria e forma não se podem separar («car la forme elle-même ne peut abandoner la matière, et la matière elle-même ne peut rejeter la forme»). A explicação apoia-se pois nas propriedades acima referidas: automultiplicação e autodifusão instantâneas.

A preocupação da Igreja com estes princípios, que leva à sua rejeição por parte de Tomás de Aquino, por exemplo, assenta na virtualidade de geração espontânea do mundo fora da vontade de Deus. Robert Grosseteste contorna esta situação, como já assinalámos, afirmando que «lux est la première forme crée dans la matière première». Ou seja, trata-se sempre do nível do criado. Deste modo, inscreve-se no critério da hierarquia das formas e dos corpos, segundo os princípios de *dignitas, excellentia, nobilitas* da sua essência, encontrando-se *Lux* no topo da escala ontológica. Situa-se, de algum modo, na transição, daí mediação, entre as Inteligências separadas e o Cosmos corporal.

Sendo a matéria um concentrado de luz, todo o corpo encerra uma luz não liberta, mas possível. Basta um ponto de luz para que se difunda uma esfera luminosa. A treva é também ela, afinal, uma potencialidade de luz. Se a cor é uma manifestação – sujeita a leis físicas e matemáticas que Robert Grosseteste analisa – da luz, todo o corpo é afinal em potência cor, já que, como se afirma, toda a matéria é luz.

Pelo estudo da óptica, da perspectiva, ângulos, velocidade, movimento que Robert Grosseteste sintetiza na formulação de um prisma, as cores vão surgindo nos corpos, na paleta que partindo das sete cores do arco-íris se mesclam ganhando nuances.

⁸*De Luce seu inchoatione formarum – De la lumière ou de l'inchoation des formes*, CERPHI, disponível no site do centro de investigação (Cf. <http://www.cerphi.net> [data de consulta: Setembro de 2008]).

A questão que se pode colocar é de qual a percepção que o homem medieval tem da cor. Através da teoria, do pensamento, a apreensão é sobretudo de maior ou menor luminosidade, sendo que as cores claras e resplandecentes figuram como as mais valoradas não só pelo olhar físico, mas também pelo olhar cognitivo e pela carga simbólica que este vai conferindo à cor. No estudo da cor, só após o Renascimento, e com os estudos de Da Vinci, por exemplo, haverá uma autonomia da cor, ainda que a expressão artística desse tempo se sujeite ainda muito ao império da luminosidade.

Esta é de facto a qualidade maior dos corpos. Daí a revolução do gótico – e a defesa da *lux* de Suger, por exemplo – daí a estetização suprema de Dante na *Divina Comédia*.

Debateu-se no colóquio a ausência de cor no texto medieval português. Há que concluir que quando surge a referência explícita a uma cor – ainda que haja referências implícitas a todo o instante a corpos (onde incluo os objectos e seres) que despertam a referencialidade da cor é porque ela importa no mundo da significação, do símbolo. Aliás como toda a referência a particularização descritiva no texto medievo. Falando de cor, provavelmente as conclusões seriam diversas na referência a claro/escuro. Creio que esta constatação se baseará, provavelmente, numa tradição do texto enquanto espaço de palavra revelada, que manterá os seus traços mesmo no texto profano. A cor é do mundo sensível, do aparente e inclusivamente do mutável. A cor de um objecto vai mudando pela incidência da luz e da perspectiva do olhar (e chegará o tempo na teorização das cores em que Valéry afirmará que «ce qui est rouge pourrait être bleu» e o modernismo preconizará que a cor é uma questão de percepção cada vez menos física e cada vez mais do intelecto), ou seja, manifesta ao homem sobretudo o mutável, o não permanente, o não verdadeiro...Tendo o texto pela tradição a carga de revelação, espaço de verdade, tão vincado é de supor como lógico, como premissa de criação não fixar ou não dar valor ao que, nos homens, seres criados, os distrai da Verdade suprema.

Atrevo-me a ponderar que a maior existência de cor em certos textos franceses, por exemplo, se justifica, inclusivamente, pela divulgação de correntes consideradas heréticas e que se envolveram tão activamente na produção poética do tempo. Como vimos, supor que o mundo sensível é do nível do divino altera o modo de significação dos signos.

Independentemente desta consideração, creio que a ausência de cor no texto e a presença tão colorida em certos ilustrações que os acompanham (e acredito que a presença mais ou menos colorida depende essencialmente do contexto de produção dos mesmos se monacal, se régio ou aristocrático, se rico se menos rico, etc) se justificará, provavelmente, pelo estatuto do texto escrito na Idade Média, da palavra fixada e permanente. Que o texto profano lentamente vai alterando, mas lentamente. Mais ainda quando se fala na prosa. E nem é preciso recordar o processo de atenuação do carácter maravilhoso e profano dos textos em verso quando prosificados.

Acredito, pois que a cor, por ser na Idade Média um evento da luz, é uma questão sentida, encarada, como prova da falha ontológica que é a do homem, e da criação.

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10